

LINGUAGEM, IDENTIDADE E REPRESENTATIVIDADE: A INFLUÊNCIA AFRICANA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO EM SALA DE AULA

Lays Honorio Teixeira¹
Gustavo Henrique Brito Silvestre²

RESUMO

Dando continuidade a uma série de oficinas sobre o continente africano e sua relação cultural com o Brasil, realizadas em sala de aula com uma turma do 2º ano na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral através dos alunos do Pibid História Ufmg, o presente artigo traz uma análise da recepção dos estudantes sobre a influência das expressões linguísticas africanas no português brasileiro. Nosso objetivo ao tratar o assunto, que tem como fonte o livro de Renato Mendonça “A influência africana no português do Brasil” (2012) é, através da linguagem em diálogo com a história, conseguir lançar, um novo olhar sobre como o encontro dessas culturas que se resinificaram possibilita um entendimento da importância de ambas na formação de uma identidade brasileira, tendo a prática da escrita através de textos feitos pelos alunos em sala de aula para descrever a recepção do tema abordado. Nossa metodologia parte da comparação de palavras que foram modificadas nesse contato cultural refletindo também na construção da identidade brasileira. Sendo assim, utilizaremos Hall (2006) para pensar sobre as diferentes identidades, possibilitando ao estudante uma nova representatividade sobre as mesmas. Dessa forma, esperamos contribuir para o aprendizado de modo que consigam lançar novos olhares sobre as mudanças na cultura afro-brasileira e compreendam que, apesar da distância temporal entre o período da escravidão negra e os dias atuais, ainda é possível encontrar muito da cultura africana presente no nosso cotidiano.

INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de História da Ufmg atua em quatro instituições públicas na cidade de Campina Grande - Paraíba, visando proporcionar aos bolsistas e voluntários do projeto a experiência da docência compartilhada, sendo uma prática valorizada e incentivada dentro do programa desde o início da nossa formação, visando a capacitação e o preparo no âmbito do ensino tendo além deste aspecto a pesquisa e a extensão como ferramentas fundamentais, trazendo assim, outros olhares para com o meio acadêmico e escolar.

Através dele, os discentes do curso exercem atividades junto aos professores e supervisores, pensando sempre na busca de melhores formas de construção de conteúdos para os estudantes. As metodologias utilizadas para este fim podem variar, sendo estas por meio de aulas aplicadas aos estudantes com a participação dos bolsistas e voluntários e auxílio do supervisor no momento da aula, ou no monitoramento das mesmas por meio dos participantes do projeto, podendo assim, identificar certas dificuldades em sala e buscar dessa maneira um caminho para uma visão problematizadora frente às deficiências vistas.

¹ Graduando do curso de licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande. Bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

² Graduando do curso de licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande. Bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

Tendo como um dos objetivos contribuir tanto para a formação dos graduandos quanto para a aprendizagem dos estudantes dessas instituições, pois, de acordo com Freire (2014)

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. (FREIRE, 2014, 24).

Nelas, temos a oportunidade de vivenciar o cotidiano escolar para além da sala de aula, interagindo com o ambiente a nossa volta, funcionários, coordenadores e outros professores, estudantes, instalações e etc. Essa experiência caracteriza-se também como um diferencial para a graduação por suprir deficiências da grade curricular do curso que não possibilita aos discentes acessos às escolas por um tempo satisfatório.

O PIBID é atuante em quatro escolas na cidade de Campina Grande, sendo essas: Colégio Estadual Dr. Elpidio de Almeida (Prata), Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Escritor Virginius da Gama e Melo, Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Professor Itan Pereira e por fim a Escola Estadual de Ensino Médio Severino Cabral, onde efetuamos a docência compartilhada, junto ao projeto.

A escola funciona em uma área periférica da cidade, apresenta inúmeros problemas estruturais, que se estendem desde a má distribuição das salas, no tocante as áreas destinadas as aulas, além da área de lazer ou ate mesmo de estudo, também tem um déficit na quadra de esportes, dificultando a pratica de exercícios, algo necessário para o desenvolvimento dos estudantes, além de problemas com relação a merenda, o que interfere diretamente na atenção dos alunos frente as necessidades básicas dos mesmos e de pouco auxilio visual para apresentação de slides entre outros problemas que diminuem as possibilidades de inovar nas aulas.

Acreditamos que diante das dificuldades vigentes e dos acontecimentos que advêm de clima, estrutura, entre outros, que um dos nossos alvos devem estar em priorizar a explicação do assunto formando assim pensadores e não apenas “esponjas” que absorvem o conteúdo dado, de tal forma que possamos incentivar o sentido critico e a pesquisa, incitando a curiosidade e o despertar para o conhecimento, tanto para com os ouvintes, como para os que lecionam, tornando a pesquisa e a busca por melhores formas de explicação uma prioridade para o aprendizado.

O educador democrático não pode se opor ao dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade critica do educando sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. (FREIRE: 2014, 28).

Ao encarar tais condições, procuramos, sempre que plausível, levar diferentes temas e materiais didáticos, complementando e auxiliando no reforço escolar, de acordo com as necessidades dos estudantes e a participação no que desejam e tem curiosidade, tendo sempre em vista proporcionar um suporte auxiliar para com as aulas.

Atualmente estamos trabalhando no 2º ano médio com oficinas voltadas para a história da África. Começamos com a análise dos livros didáticos utilizados em sala, tendo em vista as suas edições e aplicações e como eles retratam a influência ou ausência cultural do continente africano no período imperialista; em seguida foi

ministrada uma oficina sobre a importância da capoeira e a expressão e proporção dada por meio da luta e dança na nossa cultura, algo que reflete em dias atuais no nosso país. Dando continuidade a essa temática, ministramos uma aula esse estudo que tem como intuito apresentar um novo olhar sobre a influência da linguagem africana no português brasileiro.

Dentre os assuntos programáticos para o 2º ano do ensino médio da Escola Estadual Severino Cabral há, nos livros didáticos, pouco espaço destinado para a história da África e para a história dos negros no Brasil que, de modo geral são negligenciados. Sendo assim, cabe aqui ressaltar a relevância dessa fonte de leitura, pois:

O livro didático, principal suporte para o ensino/aprendizagem nas escolas, além de objeto de estudo, desde que analisado e problematizado na sala de aula, constitui um formador de opinião para os estudantes, tendo em vista que na maioria das vezes ele se constitui como único suporte metodológico acessível para a aula. Significa dizer também que o livro didático “é portador de uma memória nacional – (...) formador de identidades, evidenciando saberes já consolidados, aceitos socialmente como ‘versos autorizados’ da história da nação e reconhecidos como representativos de uma origem comum.” (CORRÊA apud FONSECA: 1999).

Refletindo sobre a necessidade de dar maior visibilidade aos temas relacionados à África foi realizada uma leitura prévia do material pelos bolsistas do PIBID História da Ufmg, visando ampliar o acesso dos estudantes à temática que envolve a cultura e linguagem advindas da África bem como complementar algumas das lacunas presentes no livro, trazendo para o estudante maior oportunidade de pensar a relação da sociedade com a linguagem, além de prover uma valorização de um povo que deixou suas marcas e heranças culturais.

Essa busca também exerce um pensamento por parte dos que proporcionam o assunto, tanto quanto para com os que recebem o tema, pois, trata-se de uma oportunidade de afirmação para com um povo e sua influência, com o respeito que deve surgir do conhecimento dos costumes e do uso de linguagens no dia-a-dia, além de obter um novo olhar sobre as expressões usadas, notando as mudanças vindas de outros lugares e culturas.

Com relação à busca do saber, esta deve se dar na construção de uma ideia que não pode ser pautada na demonstração bancária do assunto abordado, mas, que possa nutrir nos docentes a busca por uma criticidade e reflexão sobre o tema, afinal, seguindo as palavras de Freire (2014) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

Outro objetivo ao tratar como fonte um capítulo do livro de Renato Mendonça *A influência africana no português do Brasil* (2012) foi, através da linguagem em diálogo com a história, conseguir lançar um olhar sobre como o encontro das culturas africana e brasileira se resinificaram e se incorporaram, resultando em mudanças de aspectos culturais da nossa sociedade que ainda permanecem e proporcionando um entendimento da importância de ambas na formação de uma identidade brasileira.

O livro traz um estudo sobre a linguagem africana e como esta influenciou a escrita e a pronúncia de algumas palavras bem como a inserção de outras no nosso vocabulário. Para isso, o autor trabalha com assuntos como a etnia e a linguística africana, o tráfico negreiro, a chegada desses povos no Brasil, fonética e morfologia do quimbundo e suas especificidades em relação a outros dialetos africanos, a influência africana no português, o folclore africano e o negro na literatura brasileira, algo que trata para com a obra uma interdisciplinaridade que enriquece ainda mais o assunto e o

conteúdo a ser dado em sala de aula. Para nossa aula utilizamos o capítulo “a influência africana no português” que se encontra entre as páginas 75 e 89.

(...) nas últimas décadas os textos literários passaram a ser vistos pelos historiadores como materiais propícios de múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo. (FERREIRA: 2009, 61).

Ferreira (2009) no texto *Literatura, a fonte fecunda* apresenta múltiplas possibilidades de análise do texto literário em diálogo com a historiografia e como esse tipo de texto se apresenta mais sensível diante da complexidade das relações sociais do seu tempo. Nesse caso, trabalhamos em sala um texto literário com base na linguística para o ensino de história.

A escolha do livro utilizado para a aula se deu em virtude do tema que ele aborda e sua especificidade. Trabalhar com linguagem em sala de aula é trabalhar com um tema que normalmente remete aos professores de língua (português, inglês, espanhol). Nosso intuito, ao trazer a linguagem como elemento histórico e cultural, foi ampliar a concepção dos estudantes sobre o ensino de história. Para muitos, a disciplina de história é entendida como um exercício de memorização de fatos, datas e lugares.

Assim, para romper com essa ideia e fazê-los entender que a história vai além, utilizamos uma temática de outra(s) disciplina(s) para o ensino de história, o que vimos como resultado dentre os estudantes, uma melhor interação e entendimento do assunto, algo que vamos explicar melhor a frente, cabe neste momento destacar que:

O homem não participará ativamente da história, da sociedade, da transformação da realidade, se não tiver condições de tomar consciência da realidade e, mais ainda, da sua própria capacidade de transformá-la. É preciso que se faça, pois, desta tomada de consciência, o objetivo primeiro de toda a educação: provocar e criar condições para que se desenvolva uma atitude de reflexão crítica, comprometida com a ação. (MIZUKAMI, 1990: 94).

Ao tratar dessa temática procuramos contribuir para um aprendizado consciente e social dos estudantes sobre a importância do negro na formação social e cultural do país. Mesmo com a criação de leis e outros mecanismos legais que obrigam o ensino de história da África e afro-brasileira, percebemos que pouco mudou porque não foram dados suportes que possibilitassem esse ensino como formação para professores voltados para essa temática e livros que, de fato, tratem do tema e saiam do lugar comum do negro apenas como escravo na história do Brasil, reforçando o papel de protagonista em várias vertentes do desenvolvimento do nosso país e formação cultural.

Objetivamos também fazer uma aproximação do tema com a sociedade atual. Fazer com que os estudantes percebessem que esses aspectos culturais tem uma raiz que remonta ao período da escravidão negra, mas que se perpetuam até os dias atuais e estão presentes no nosso cotidiano através da linguagem.

A aula foi ministrada através da exposição do tema, primeiramente dialogando com os estudantes sobre as possíveis informações que eles já possuíam, tais como palavras que são usadas no dia-a-dia em diferentes situações, esse método usado se mostra eficaz, pois, inicialmente envolve o estudante com sua realidade, além de demonstrar que a história não se remonta ao passado, mas direciona para um análise do presente, seja por meio de hábitos culturais, sociais e econômicos ou, como o nosso caso, da linguagem, reforçando a necessidade de análise histórica para determinadas conclusões atuais.

Optamos também por fazer uma revisão sobre a escravidão negra no Brasil e as influências culturais deles que estão presentes nos nossos costumes e tradições com o objetivo de reafirmar neles uma outra visão sobre o momento histórico da escravidão negra no país. Além de trazer um lugar de ação desses povos, que são retratados nos livros de forma deterministas, fadados a serem sem ação ou condições de influenciar o seu cenário em diferentes áreas.

Após esse primeiro momento, apresentamos o tema da aula e o livro do qual o conteúdo foi retirado. No quadro da sala, foi exposto várias palavras que são usadas de forma corriqueira com as quais eles se identificavam. Escolhemos trazer um texto acadêmico para a sala de aula com a intenção de proporcionar à turma contato com outros formatos de literatura. Nesse caso, além do contato com outro formato de texto havia também uma familiaridade com o tema através da identificação de elementos do texto, como as expressões trabalhadas em sala, com o cotidiano deles.

Como recurso pedagógico para a aula, utilizamos um roteiro para facilitar o acompanhamento. Nele, colocamos citações do autor que ressaltam a importância do negro tanto na construção de uma identidade nacional quanto na língua que falamos hoje, exemplos de palavras de origem africana que utilizamos e de palavras brasileiras que sofreram mudanças no contato dos africanos com o português brasileiro, divisões regionais que o autor utiliza para destacar algumas mudanças específicas do que ele denominou de zonas dialetológicas e a imagem de um mapa do Brasil, o que facilitou visualmente na localização dessas zonas, reforçando a prática da interdisciplinaridade ao utilizar limites geográficos e termos linguísticos no ensino de história.

Ao tratar a identidade como algo que não é inerente ao homem, mas que parte do meio em que ele atua e das relações que estabelece Stuart Hall (2006), teórico cultural e sociólogo jamaicano, problematiza como a nossa identidade, que é individual a cada um é preenchida pela forma como nos mostramos ao outro.

No livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, o autor questiona o modo como nos identificamos com a identidade nacional, que também é construída socialmente, mas que passa a ser entendida pelo homem quase como um fator genético, o que evidencia a importância dada a ela.

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. (HALL, 2006: 50).

Nossa cultura nacional está repleta de discursos e representações que ressaltam nossas práticas e aspectos sociais. No entanto, não paramos para pensar como ela também está repleta de símbolos que originalmente não eram nossos, mas que se integraram ao que é daqui. Tomando a linguagem como exemplo desse contanto cultural que resulta em mudanças, tentamos mostrar para os estudantes que nossa multiplicidade cultural é reflexo do contato entre os povos e que, mesmo com a tentativa de anular a cultura africana, os negros não só conseguiram mantê-la como a incorporaram com a nossa.

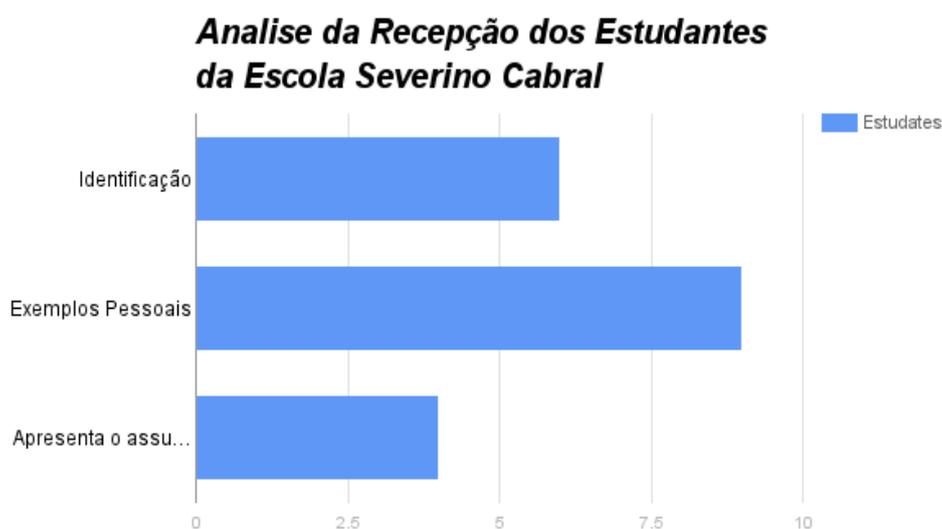
Nossa aula se deu em dois tempos de 45 minutos, sendo distribuído em 1 hora para problematização do tema e 30 minutos para execução da atividade proposta em sala de aula. Optamos por aplicar uma redação para que os estudantes tivessem mais

liberdade ao se expressar sobre o tema e sobre a aula além de assim, poder avaliar a escrita e a capacidade de argumentação deles.

Para avaliar os resultados alcançados em sala, buscando principalmente o aprendizado e reflexão do conteúdo, optamos por analisar as redações feitas pelos estudantes após o término da aula. O enunciado da redação dizia: “Produza um pequeno texto explicando se as influências africanas no português brasileiro apresentadas durante a aula estão presentes no seu cotidiano e se houve uma identificação sua por parte dessas palavras e expressões”.

Nele, procuramos apresentar o tema da redação, baseado nas explanações feitas em sala de aula, mas sem delimitar nem direcionar a opinião deles sobre suas impressões e identificações com as expressões. A metodologia de análise para avaliação das redações partiu de cinco pontos: quantos estudantes deixaram claro na redação que se identificaram com o tema, quantos não se identificaram, quantos apresentaram exemplos de expressões empregando-as em frases, quantos compreenderam o sentido central e quantos apresentaram o assunto mas não se posicionaram quanto a uma possível identificação. A partir da constatação dessas informações presentes nas redações dos estudantes, quantificamos os resultados e identificamos as impressões deles sobre a aula.

Segue o gráfico com a análise dos dados:



Quando observamos a relevância da aula junto ao gráfico, podemos observar que, de modo geral, o tema proposto em sala toca de forma positiva a maioria dos estudantes. Essa afirmativa é ainda mais forte se destacarmos certas colocações advindas das redações. Como exemplo, podemos citar algumas declarações utilizadas nos textos como: “no meu dia a dia” ou “uso essas palavras e nunca pensei que fossem de origem africana” entre outras, demonstram que a utilização desses termos, agora tomam outro formato e lembrança para com os estudantes.

A identificação com o conteúdo é afirmativa, pois, os estudantes fazem suas redações como autores da ação, se colocando como negros (as), o que mostra uma aceitação da linguagem e da própria identidade deles, o que foi além das nossas expectativas que se limitavam a um reconhecimento da linguagem apenas, não da ancestralidade deles.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo - Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire 48º Ed - Rio de Janeiro: Paz e terra,2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MENDONÇA, Renato. A influência africana no português do Brasil. – Brasília: FUNAG, 2012. 200 p.

MIZUKAMI, Maria das Graças N. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1990.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, 333 p.